

A inter-relação entre os discursos no gênero resenha

Tatiana Simões e Luna¹

Resumo: *Todo discurso é permeado por outros que versam sobre o mesmo tema e com os quais pode estabelecer uma relação de adesão ou de confronto. Nessa perspectiva, investigamos o modo como se inter-relacionam os discursos no gênero resenha acadêmica e jornalística, em revistas especializadas e de grande circulação. Apoiados nos estudos de Bakhtin (1993, 1997), Cunha (1992, 2000, 2002), Fairclough (2001) e Maingueneau (1997, 2001), observamos os seguintes aspectos: os recursos lingüísticos utilizados para introduzir o discurso de outrem e os efeitos de sentido deles decorrentes; a posição do enunciador em relação a essas vozes alheias.*

Introdução

A decisão pela leitura de uma obra, pela visita a uma exposição de arte, por assistir a uma sessão de cinema ou a um espetáculo de teatro, muitas vezes, é determinada pela resenha que o público lê no jornal. O cenário de crise econômica, refletido nos altos preços de livros e eventos culturais, contribui para que o público leia esses textos antes de *arriscar* o consumo de algum produto ou evento. Professores e pesquisadores também buscam nas resenhas de revistas especializadas um referencial para a aquisição de novas obras. As resenhas, portanto, possuem função social bastante relevante.

Motta-Roth (2002:88) afirma, acerca das resenhas acadêmicas, que elas exercem algum tipo de força centrípeta (nos termos de Bakhtin) em acomodar o novo livro na rede de publicações existente. Ou seja, a resenha legitima a inclusão da nova obra naquela comunidade científica. Nas resenhas jornalísticas, essa *força centrípeta* atua ao inserir o produto numa determinada comunidade cultural. Para tal, os jornalistas ou resenhadores utilizam, ao final do texto, alguns recursos, tais como os julgamentos padronizados: *não perca, vale a pena, ouça sem parar, assista até o fim, arrisque, vá se tiver tempo* para recomendar ou não a obra comentada. Essa estratégia discursiva caracteriza o gênero *resenha*. Faz-se necessário, portanto, um estudo sistemático da organização e função social desse gênero, para que não seja abordado enquanto mera técnica de redação, como nos livros de metodologia científica (Lakatos e Marconi, 1992; Medeiros, 1997).

O objetivo deste trabalho é analisar uma das estratégias discursivas utilizadas nesse gênero, a inter-relação das diversas vozes presentes no enunciado, ou melhor, a inter-relação entre os discursos representados e o contexto narrativo que o introduz. Acreditamos que o discurso do outro funciona nesse gênero como meio de respaldar ou não a inserção da obra resenhada em determinado meio.

Pressupostos Teóricos

Em todos os domínios da vida e da criação ideológica, nossa fala contém em abundância palavras de outrem, transmitidas com todos os graus variáveis de precisão e

¹ Trabalho orientado pela professora Dóris de Arruda Carneiro da Cunha, no âmbito do subprojeto *Interação entre Discursos na Atividade Falada e Escrita*, vinculado ao projeto *Fala e Escrita: Características e Usos IV*, desenvolvido pelo NELFE e financiado pelo CNPQ.

imparcialidade. (...) No discurso cotidiano de qualquer pessoa que vive em sociedade (em média), pelo menos a metade de todas as palavras são de outrem reconhecidas como tais, transmissíveis em todos os graus possíveis de exatidão e imparcialidade (mais exatamente, de parcialidade) (Bakhtin, 1993:139-140)

As palavras de Bakhtin apontam a diversidade de vozes que caracterizam o usos da linguagem, ou melhor, os discursos em suas diversas esferas. Nesta perspectiva enunciativa, concebemos a linguagem como fenômeno dialógico por meio do qual locutores interagem, se posicionam com relação ao mundo, a outrem, a ele mesmo e ao próprio discurso (Cunha, 2002) e entendemos o discurso como uma prática social, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em sua significação (Fairclough, 2001).

Todo discurso é repleto de palavras de outrem com as quais ele pode estabelecer uma relação de concordância, polêmica, ironia, discórdia, assimilação ou julgamento. Embora o sujeito seja o responsável pela enunciação do discurso, ele não é a sua única fonte de sentido, pois orchestra essas múltiplas vozes na construção do enunciado para marcar o seu ponto de vista. O sentido, portanto, é construído na interação entre o sujeito enunciador do discurso, os enunciadores presentes no discurso e o destinatário.

O sentido é determinado também pelo gênero discursivo, pois ele é *o principal organizador da produção lingüística* (Cunha, 2000:4). Gêneros são formas relativamente estáveis de enunciado que circulam socialmente em uma dada esfera da atividade humana (Bakhtin, 1997) e servem a determinados propósitos comunicativos.

Segundo Bakhtin, as diferentes esferas da atividade humana são acompanhadas pela linguagem e comportam um repertório de gêneros. Deste ponto de vista, as diferentes atividades humanas determinam o gênero ou tipo de enunciado, que por sua vez reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas não só pelo conteúdo temático e pelo estilo de língua, mas sobretudo pela construção composicional.

Como o sujeito opera sobre outros discursos na construção do enunciado, todos os gêneros são constitutivamente heterogêneos, ou seja, são construídos a partir de diversos tipos de movimentos ou discursos.

As diversas vozes que constituem o discurso podem ser ou não explicitamente marcadas, configurando a *heterogeneidade mostrada* ou a *constitutiva*. A heterogeneidade mostrada (dialogismo mostrado) refere-se a todas as formas que introduzem o outro explicitamente no discurso (Cunha, 2002). Essas marcas têm a função não só de revelar o domínio e o desejo do sujeito de ser a fonte do sentido, como também de localizar e delimitar o espaço do outro na construção do texto.

A heterogeneidade constitutiva (dialogismo constitutivo) é o princípio constitutivo da linguagem, pois toda enunciação é dialógica, encerra em sua construção outras vozes. O dialogismo constitutivo é também uma questão de recepção, já que o leitor/interlocutor pode perceber ou não a *voz alheia* conforme seus conhecimentos prévios (Cunha, 1992).

Metodologia

O estudo caracteriza-se como uma análise qualitativa e não quantitativa. Selecionamos um corpus de 10 resenhas acadêmicas de livros, coletadas nas revistas Delta (área de Lingüística) e Clio (área de História) entre 1993 e 1997, e de 10 resenhas jornalísticas de livros, coletadas na revista IstoÉ entre 9 de maio de 2001 e 19 de junho de 2002.

Escolhemos uma resenha acadêmica e uma resenha jornalística para constituírem nosso objeto de estudo nesse artigo a fim de realizarmos uma análise de cunho mais interpretativo.

Os textos escolhidos são exemplos representativos dos resultados encontrados na análise do corpus selecionado.

Nossa análise pretende identificar os modos de representação do discurso no gênero resenha; sistematizar os elementos presentes em cada subgênero, resenha acadêmica e jornalística; e correlacionar a circulação dos discursos e sua função nos gêneros. Para tal, observar três aspectos centrais: 1) os recursos lingüísticos utilizados para introduzir o discurso de outrem; 2) os efeitos de sentido deles decorrentes; 3) a posição do enunciador em relação a essas vozes alheias.

A Resenha

A resenha é um gênero de natureza argumentativa, cujo objetivo é comentar uma obra (livro, filme, Cd, exposição) para recomendá-la ou não, para um determinado público. Esse gênero apresenta: uma parte descritiva que resume a organização de uma obra; e uma parte avaliativa em que o resenhador formula um conceito do valor da obra. Essas partes podem aparecer amalgamados na construção do texto. De acordo com o produtor, o público destinado e o suporte, podemos classificar a resenha em dois subgêneros: a resenha acadêmica e a resenha jornalística.

A resenha acadêmica é escrita por um pesquisador, ela atua como um mecanismo de verificação da qualidade da tradição literária numa área de conhecimento (Motta-Roth, 2002). Normalmente, dirige-se à comunidade acadêmica e circula em revistas especializadas. A resenha jornalística é dirigida ao público em geral e atua como fator determinante na escolha de uma obra, uma vez que é capaz de criar, no espírito de seu público, o clima necessário para o efeito que pretende, já que o propósito do jornalista é convencer o leitor do seu ponto de vista sobre o *produto* resenhado.

Baseando-nos em Motta-Roth (2002: 93), observamos três movimentos discursivos que estruturam esse gênero: apresentação do produto, dada pela contextualização histórica, pela biografia de seu autor ou pela relação da obra com o conjunto de produção da área; descrição do conjunto da obra (tema e estilo), seguida da síntese de suas partes ou capítulos; avaliação da obra com recomendação ou não.

A inter-relação entre os discursos nas resenhas

Entendemos que resenha é um gênero discursivo constitutivamente heterogêneo, pois realiza o seu objetivo - comentar uma obra para recomendá-la ou não, para um determinado público-leitor - pelo modo de representação das vozes alheias que marca a posição discursiva do enunciador ou veicula informações, garantindo credibilidade ao leitor.

Iremos analisar as resenhas acadêmica e jornalística de acordo com os movimentos discursivos descritos por Motta-Roth (2002).

Resenha Acadêmica: Apresentação

Na apresentação da resenha acadêmica, o resenhador relaciona a obra a outras antecedentes naquela mesma área de conhecimento, apresenta o principal objetivo do livro e o objeto de estudo. No caso desta resenha, o objeto de estudo é constituído pelos documentos históricos.

CHALOUB, SIDNEY – <i>VISÕES DA LIBERDADE, UMA HISTÓRIA DAS ÚLTIMAS DÉCADAS DA ESCRAVIDÃO NA CORTE</i> . São Paulo, Cia. Das Letras, 1990.

O livro de Sidney Chalhoub já recebeu *orelha*² (1) que vale como resenha. Robert Slenes diz que é *livro que se lê como romance*(2), no que lembra a recomendação de Marc Bloch (Introdução à História) aos historiadores para que evitem

retirar à nossa ciência o seu quinhão de poesia e sobretudo corar por isso, porque seria tolice julgar que pelo fato de exercer sobre a sensibilidade apelo tão forte, a história fosse menos capaz de satisfazer também a nossa inteligência (p.15)(3)

Sábria lição, aprendida por Chalhoub, ao revisitar os porões da escravidão na perspectiva da senzala. Seu objetivo,

construir uma teoria a respeito da lógica da mudança, recuperar a imprevisibilidade do acontecimento para compreender o sentido que os personagens históricos de outra época atribuem às suas próprias lutas(4),

é plenamente atingido. Trabalhou para isso os arquivos do 1º Tribunal do Júri do Rio de Janeiro e as Ações Cíveis de Liberdade do Arquivo Nacional - na 2ª metade do Séc. XIX –

para entender as mudanças históricas que resultaram aspectos da experiência dos escravos da Corte, seus modos de pensar o mundo e atuar sobre ele(5) –

Persegue assim um significado de liberdade menos linear e mais abrangente, inferido menos do que disseram governantes e proprietários e mais dos depoimentos de negros nos processos cíveis e criminais que tratam deste anseio de liberdade forjada na experiência do cativo.

(Monteiro, 1993, p. 245)

É característico, na parte *apresentação*, o uso do discurso direto e o resumo com citações para contextualizar a obra resenhada, pois o resenhador precisa legitimar seu discurso sobre a mesma, antes de descrever suas partes e realizar o julgamento. Logo, os recursos que inscrevem a voz alheia, nessa parte estrutural, são as aspas e as referências.

Em (1), as aspas podem ser classificadas como de distanciamento (Authier-Revuz apud Maingueneau, 1997), uma vez que o locutor se afasta da fala citada, isentando-se da responsabilidade de seu uso. O uso de aspas no termo *orelha* indica que Monteiro assume o ponto de vista da gramática normativa, que o termo está no sentido figurado.

O discurso direto, em (2) e (3), tem a função de argumento de autoridade, Monteiro se ancora na respeitabilidade de especialistas da área para dar credibilidade à sua avaliação. Nessa citação, ela também descreve a linguagem do livro e revela o estilo de escrita que aprecia.

Os trechos (4) e (5), em que a resenhadora define o tópico geral do livro, constituem o resumo com citações, em que se inscrevem fragmentos do texto original no fio discursivo através das aspas (Maingueneau, 2001). O discurso citado integra-se à sintaxe do citante, revelando a adesão da autora ao ponto de vista de Chalhoub.

Descrição

² O itálico destaca o discurso representado.

O resenhador, nessa parte estrutural, define o tópico de cada capítulo, delineando sua organização geral.

O 1º capítulo - Negócios da Escravidão – critica a teoria do escravo - coisa em Perdigão Malheiros, aceita por tantos outros.

Avalia a atividade dos escravos diante da rotatividade traumática a que são forçados até transformaram-se por força da luta em algo mais complexo do que simples mercadoria de troca (6). Analisa também as conseqüências do tráfico interno(7), gerador do medo branco(8)

no sudeste repleto de negros.

No 2º Capítulo, que dá título ao livro, a análise das ações cívicas de liberdade *mostra que os escravos espreitam brechas abertas no sistema para discutir suas visões da liberdade(9)*. Discute o ventre-livre com farta documentação que a *contra-peso(10)* apontam a impaciência dos escravos por direitos arrancados, não concedidos, rumo à desorganização do sistema.

É crítico implacável da opção jurídico-parlamentar de Nabuco e outros abolicionistas iluminados, detentores do *mandato da raça negra(11)* que falam por ela e a calam.

No 3º e último capítulo – Cenas da Cidade Negra –

ressalta o medo branco com o problema disciplinar na Corte que até 1850 guardava a maior população escrava do país(12).

Crescia o número de escravos que corriam as instituições para concretizar no papel o já consagrado pelos costumes. São passos que elevam a tensão social a níveis alarmantes, desmantelam conteúdos ideológicos cruciais para manutenção da escravidão, enquanto aproximam a liberdade.

A cidade que esconde é a mesma que liberta.(13)

(Monteiro, 1993, p. 245-246)

Ao apresentar cada capítulo do livro, Monteiro avalia suas partes e representa a voz do autor como forma de conferir fidelidade à sua interpretação. Para tal, ela usa o discurso narrativizado, retomada do ato de fala do outro, (Cunha, 1992) incluindo ou não ilhas textuais (fragmentos do livro).

Nos exemplos (6) e (7), a autora sintetiza os atos de fala através dos verbos - *criticar, avaliar e analisar* – que reforçam o ponto de vista do autor sobre a teoria do escravo.

As aspas, em (8) e (11), indicam que o termo pertence a outro, já que *medo branco e mandato da raça negra* são palavras usadas pelo autor do livro, logo constituem ilhas textuais. Em (10), as aspas manifestam um questionamento sobre o caráter apropriado dos termos aspeados, visto que *contra-peso* é uma expressão inusual em textos científicos.

O discurso narrativizado introduzido, em (9), pela nominalização – *análise* – e, em (9) e (12), pelos verbos ilocutórios – *mostrar e ressaltar*, respectivamente - refletem uma posição mais interpretativa que crítica da resenhadora. Esses discursos são acompanhados de ilhas textuais, bem como o exemplo (13), que pode ser considerado uma citação de cultura, pois encerra um enunciado reconhecível pelos historiadores.

Avaliação

Como o próprio nome já indica, essa parte estrutural apresenta o julgamento final da obra resenhada, com sua recomendação ou não por parte do resenhador.

Ao terminar a leitura da livro da Chalhoub obtém-se presença viva do negro, nem herói, nem vítima, protagonista primeiro da luta pela liberdade. Ao juntar

cacos e vestígios(14) *Chaloub encontra uma visão de liberdade extraída das lutas engendradas de dentro do cativo por sujeitos históricos que conseguiram politizar a rotina e, assim, transformá-la*(15).

(Monteiro, 1993, p.246)

Na avaliação final, Monteiro faz um julgamento positivo da obra. No exemplo (14), o uso de aspas pode indicar um termo usado pelo autor ou marcar o uso de uma expressão popular. A recomendação do livro é feita através da citação, em (15), que aponta a consonância do discurso de Chalhoub com a nova tendência das pesquisas históricas - o estudo histórico a partir da visão dos excluídos - perspectiva partilhada por Monteiro.

Resenha jornalística : Apresentação

Na apresentação, insere-se o produtor em seu meio cultural, informa-se sobre a vida pessoal e profissional do autor ou contextualiza-se historicamente a obra. Nessa parte estrutural, verifica-se o uso do discurso narrativizado, além dos planos de enunciação, para representar o discurso de outrem. Define-se planos de enunciação quando há ocorrência de um discurso reportado dentro de outro discurso.

Batutas na berlinda

Crítico inglês questiona em ensaio a mitificação da figura do maestro(1)

Parece brincadeira de ginásio, mas, após ouvir a execução de seus concertos, Richard Strauss costumava ir até o camarim e enfiava a mão sob as axilas do maestro. Se estivesse molhada, o chamava de amador(3) (2). Até hoje, quando o assunto é o regente da orquestra, há quem afirme – e de cadeira, porque músicos de sinfônicas tocam sentados – que não há ofício no qual um impostor possa entrar com maior facilidade(4). No entanto, poucas profissões são tão incensadas. Herói dos heróis, *ser a quem se atribui a capacidade de desencadear tempestades ou disseminar a paz com um simples gesto*(5), a categoria e a vida de seus mais célebres representantes é agora dissecada em *O mito do maestro – grandes regentes em busca do poder* (Civilização Brasileira, 504 págs. R\$50), do crítico inglês Norman Lebrecht.

(Chagas, 2002, p. 116)

O tópico central da obra, *o mito do maestro*, é apresentado pelo subtítulo da resenha através de um discurso narrativizado (1), em que se representa a fala de Lebrecht através do ato de fala realizado – *questionar*. Dessa forma, o resenhador revela no seu julgamento o caráter polêmico da obra. O verbo questionar, além de indicar o ato de fala, lexicaliza o modo que caracteriza o próprio dizer; dessa forma, o resenhador destaca, no seu julgamento, o caráter polêmico da obra.

A característica polêmica da obra atribuída pelo resenhador também é inferida pelos discursos que ele representa ao contextualizar o livro. As vozes evocadas se contrapõem, reverberando um conflito no discurso citante:

- em (2), o autor da resenha relata uma história do compositor Strauss (2) através do verbo de ligação *parece*, que indica uma característica da história desse compositor, e atribui a este uma fala (3), introduzida por um *verbo discendi - chamar*, que dessacraliza a figura do maestro. Neste caso, temos um discurso reportado (3) dentro de outro (2), o que configura dois planos enunciativos;
- em (4), alude a um discurso que também ironiza a figura do maestro através de um verbo de elocução propriamente dito (discendi) – *afirmar*. Esse enunciado (piada) constitui uma citação de cultura, pois pertence à comunidade dos músicos;
- em (5), remete a um discurso presente na memória, não só dos músicos, como do público em geral que confere uma *aura* ao papel do maestro. O verbo de elocução – *se atribui* - lexicaliza o modo que caracteriza esse dizer e dá relevo ao tema da enunciação, por estar na voz passiva sintética.

Observamos que os discursos que dessacralizam o maestro são introduzidos por verbos discendi, já os que o exaltam são introduzidos por verbos que indicam estado ou declaração.

Descrição

O resenhador resume as partes da obra ou aponta certos aspectos da mesma, podendo compará-las com outras obras do próprio autor ou de outros daquele meio cultural.

O autor de *When the music stops, em que vaticinou o fim da música erudita para fins comerciais*(6), *chega a apontar Beethoven como o culpado pelo surgimento do mito ditatorial ao criar peças cada vez mais complexas que exigiam orquestras cada vez maiores*(7). Surdo, atrapalhado e exageradamente emotivo, *o compositor alemão tornou suas obras incômodas demais para serem executadas sem uma direção*(8).

Em seu ensaio, Lebracht dedica um capítulo inteiro à inclinação nazista de Herbert von Karajan e passeia pela vida e obra de gênios do porte de Gustav Mahler, Arnold Shoenberg, Claudio Abbado e Leopold Stokowski, só para nomear alguns. Também se debruça sobre casos como o da feroz e canibalesca Filarmônica de Viena que, entre outros feitos, demitiu Mahler.

Depois de glorificar as últimas estrelas da batuta,

Lebrecht encerra sua tese apontando a crescente ascendência dos administradores dos teatros sobre os diretores musicais, selando, assim, o ocaso dos regentes solares(9).

(Chagas, 2002, p.116)

Ao traçar um panorama do livro, Chagas retoma a voz do autor, acentuando seu caráter radical.

Em (6), o jornalista apresenta o autor, por meio de um comentário na forma de um discurso narrativizado, em que o verbo – *vaticinar* – indica o radicalismo de Lebrecht. Em (7), o resenhador avalia o discurso de Lebrecht como ousado – *chega a apontar* - introduzindo o discurso narrativizado.

Em (8), não há marca de introdução do discurso de outrem. Contudo, podemos considerar que é a continuação da voz de Lebrecht (7) ou a reelaboração deste discurso pelo resenhador. A ausência de marcas reflete a mescla das vozes de Lebrecht e de Chagas.

Já, em (9), os verbos – *apontar* e *selar* – refletem uma postura mais interpretativa que avaliativa de Chagas.

Avaliação

Nesta parte, o jornalista (resenhador) faz uma interpretação crítica dos pontos fortes e fracos da obra com o objetivo de recomendá-las ou desqualificá-las para o público.

É uma enxurrada de dados elegantemente alinhavada que – ao focar a vaidade de alguns músicos –

lembra um pensamento evocado pelo escritor inglês Aldous Huxley: A música é a segunda melhor forma de se expressar o inexprimível. A primeira é o silêncio.(10)

(Chagas, 2002, p.116)

O resenhador finaliza a apreciação do livro com uma citação de autoridade (10), cujo conteúdo resume a crítica tecida no livro. Ele se apoia no discurso de um grande escritor, Huxley, para respaldar sua avaliação sobre a obra e adere ao ponto de vista defendido por Lebrecht. Para tal, ele usa o *verbo evocar* que indica o modo de realização do dizer (trazer à lembrança).

Conclusão

A resenha é um gênero discursivo constituído por meio de discursos de outrem, sobre os quais o resenhador tem o domínio, pois orchestra essas vozes para construir seu ponto de vista sobre a obra. Constatamos que, nos textos analisados, o discurso narrativizado é o recurso mais freqüente para se representar essas vozes. Podemos verificar também que os verbos de elocução introdutórios desse tipo de discurso, além de indicarem o ato de fala, apresentam o modo que caracteriza esse dizer. Desse modo, o resenhador apresenta o seu julgamento sobre a obra e os atos de fala realizados pelo autor.

Nas resenhas acadêmicas, o discurso narrativizado pode ser acompanhado por ilhas textuais. Na apresentação e descrição, o pesquisador cita a voz do autor para sumarizar o conteúdo do livro (citação dos capítulos). Ele garante veracidade à sua interpretação ao marcar fronteiras nítidas entre os discursos citante e citado. Na avaliação, essas vozes aparecem imbricadas quando o pesquisador se apropria do discurso do autor, aderindo ao seu ponto de vista e recomendando a obra para leitura.

Na resenha jornalística, também ocorre uma mescla de vozes, pois o resenhador retoma a voz do autor através do discurso narrativizado. Além disso, na apresentação da obra, alude a discursos presentes na memória dos leitores (sabedoria popular, citações de cultura), provocando adesão imediata ao seu ponto de vista. O resenhador, assim como nas resenhas acadêmicas, usa citações de autoridade para garantir legitimidade a seu comentário.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Estética e de Literatura*. 3ª ed. S. Paulo: UNESP/Hucitec, 1993.

_____. *Estética da Criação Verbal*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ARRUDA CUNHA, Dóris de. *Discours rapporté et circulation de la parole*. Leuven/Louvain-la Neuve. Peeters/Publications Linguistiques de Louvain, 1992.

_____. *Interação entre discursos na atividade falada e escrita*. Recife: UFPE. (mimeo), 2000.

_____. *Do dialogismo mostrado ao constitutivo: um estudo da representação do discurso*. Recife: UFPE. (mimeo), 2002.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da UNB, 2001.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia do Trabalho Científico*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1992.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. São Paulo: Pontes, Editora da UNICAMP, 1997.

_____. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

MEDEIROS, João Bosco. *Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

MOTTA-ROTH, Désirée. “A construção social do gênero resenha acadêmica”. In: MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Désirée. *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem*. (orgs.) São Paulo: Edusc, 2002, p. 77- 113.

Textos analisados

CHAGAS, Luiz. Batutas na Berlinda. *ISTOÉ*. São Paulo, 2002, Editora Três, 19 de junho, n.º 1707, p.116.

MONTEIRO, Marília Pessoa (1993). Resenha. In: *Clio*. Recife, UFPE, v.1, n.º 14, p. 245-246.